

A presente autobiografia não foi escrita para fins literários. O seu verdadeiro propósito foi de índole religiosa. É o relato da juventude bastante turbulenta de um homem que mais tarde teve uma formação de pastor e se tornou num servo de Deus cuja principal ocupação foi pregar a palavra de Deus, ocupação que determinou os seus locais de residência durante a maior parte da sua vida, tendo sido destacado especialmente para este fim pela Igreja. Esta história é também um testemunho de que conseguir sobreviver a todas as peripécias da primeira parte conturbada da sua vida só podia ser parte de um plano traçado por um poder transcendente.

Por isto, o leitor notará que esta autobiografia é cruelmente incompleta. Trata apenas da “pré-história”, porque nem chega ao que interessa, nomeadamente a formação do autobiógrafo na Escola de Pastores de Calambata, em São Salvador do Congo; o seu destacamento como nlongi na aldeia de Vululu, ao longo da estrada que vai de Maquela do Zombo a São Salvador do Congo (Iula lo Kongo); o seu exílio no antigo Congo Belga já independente, de 1961 a 1974; o seu regresso a Angola logo depois da Revolução dos Cravos em Portugal; e todos os necessários episódios da Angola independente.

O carácter incompleto desta autobiografia teria sido mais suportável se tivesse ao menos acabado com a fuga para o Congo Belga em 1961.

O leitor notará também que o autor podia ter incluído muitos outros detalhes na parte da sua vida que a obra apresenta. Assim, haveria pelo menos mais diálogos no relato da infância, nas relações com a família e as namoradas e mulheres, na estadia em Leopoldville, ida a Ponta Negra e longa marcha depois de fugir de lá, em todas as outras viagens comerciais, no serviço militar com todas as formações e a viagem a Goa e regresso, suas viagens e seu trabalho como fotógrafo.

Consta que cada vez que tentasse escrever esta autobiografia, tata Pedro Mavitidi ficava doente e caía de cama com uma ou outra indisposição mais ou menos séria, como se alguma coisa quisesse impedir que ele continuasse a escrever. Sente-se que, depois do relato do regresso de Goa, o relato passa pela aprendizagem da fotografia como uma bala, para se precipitar apenas de raspão sobre o casamento com yà Rochana Luzindalalu. Há provas no manuscrito, por exemplo pela mudança da letra e da tinta, que já tinha sido tomada a decisão de se desistir da obra.

Segue-se uma pequena substância sobre a afirmação segundo a qual esta autobiografia teve um propósito essencialmente religioso.

A autobiografia quase começa com esta frase: “Os dias da minha vinda a este mundo consubstanciam-se na chegada do tempo em que ouvi a voz de Deus que me chamava desde há muito”. Esta ideia provém de conceitos religiosos, incluindo Jeremias 1:5, Isaías 49:1 e Gálatas 1:15-16.

Toda a secção da autobiografia intitulada “Destaques da minha infância” só fala da chegada do catequista à região de Ngombe, da acção de gente que antes dessa chegada já vinha do Congo Belga e andava pelas aldeias ensinando as pessoas a rezar, do pregão pelas aldeias sobre a necessidade de as crianças irem à escola e da insistência da mãe do autobiógrafo para este ir à escola como os outros. Repare-se que a mãe fala de outras andanças em que o menino passava o seu tempo e que eram inúteis em comparação com a escola. Dessas andanças a autobiografia não diz nada, incluindo um facto importante que nos foi contado: na sua infância, Pedro Mavitidi estava tão ligado à avó, mãe da mãe, que “mamou” até bastante crescidinho, nos intervalos entre sessões de ntambu, isto é, armadilhas destinadas a apanhar passarinhos. Se a autobiografia quisesse incluir alguns detalhes que não fossem o contacto da região com o cristianismo, haveria muitos detalhes “pagãos”, pois se diz que Pedro Mavitidi

foi sempre “nkwanzunu”, isto é, um menino traquino. Talvez tivesse andado à bulha com outros meninos.

Todos esses detalhes, não houve qualquer esforço de os incluir na narrativa. É certo que existem outros episódios, incluindo alguns com sabor à chegada do Evangelho na região de Ngombe, que a autobiografia não comporta e que tata Pedro Mavitidi e outros membros da família ocasionalmente contaram. Lembro-me, como se fosse hoje, a minha mãe (isto é, Yà Nsimbidila) estava com outra gente debaixo da nsapa (estrutura de paus e capim que servia de local de culto), cantando: “Ve, ve, ve, ve, kalendi kundandula ko”.

Este é um de dois hinos que têm duas tonalidades, uma mais mexida e outra mais suave. A diferença é que, neste hino, a diferença de tonalidade só existe para o refrão. As estrofes têm a mesma tonalidade, quer o refrão seja mexida ou mais suave. As palavras da primeira estrofe são:

Avo nsamba kwa Yisu kana olembi kungwa
Wau vo yandi i Ntinu a Ntinu o mono i muntu a nza

É este hino que a Yà Nsimbidila, mãe de tata Pedro Mavitidi cantava durante um dos cultos que a autobiografia não regista.

O segundo hino tem mesmo duas tonalidades diferentes, uma mais mexida que a outra, desta vez tanto nas estrofes como no refrão:

Wau muna nkung’a tondela
O mfumu Yisu nkembela
Ye alongi awonso nsamwina
O mandi imezikuka

Zavo ndinga zeno zangula
Se zangula se zangula
Zavo ndinga zeno zangula
Ma Yisu imezikuka

Dentre as historietas mais ou menos anedóticas que o próprio Tata Pedro Mavitidi não contou, que circulam na família e precisam de ser registadas, consta que a avó de tata Pedro Mavitidi, mãe da mãe, Nkaka Lufita, não entendia bem as palavras de certos hinos que se cantavam na igreja. Como todos nós, quando imitamos uma canção cujas palavras não conhecemos, ela inventava o texto. Um destes textos é o seguinte:

Luntombola, lunkulumuna
E kibwa nkondo i nzil’ani e yoyo
E kisambu kibweke ku nto

Este é o texto que Nkaka Lufita colocava no lugar do refrão do seguinte hino:

Lunkwikila, lunkwikila
E nsambu luvewa zo
Lutambul’o luvuluzu

Lwangovo evana lo

Diz-se também que, muitas vezes, Nkaka Lufita cantava as seguintes palavras:

Lotoma kunkat'e nima
Lotoma kunkat'e nima
E lumbu i fwa kwama kitololwa ko
Lotoma kunsingikanga

Este é o refrão do hino cujas palavras são:

Untambula wuwu ngina
Untambula wuwu ngina
E kuma kaka ongeye wafwa
Untambula wuwu ngina

Tantos episódios que podiam ter povoado a narrativa da parte pré-escolar de tata Pedro Mavitidi.

Na secção da autobiografia intitulada “Escola”, o destaque está no fim, quando se fala do envolvimento das crianças da escola nas viagens à missão de Kibokolo.

O próximo destaque foi a entrada para o internato da missão de Kibokolo, depois do intermédio comercial, culminando com a expulsão da referida missão.

A estadia no Congo Belga, onde o jovem Pedro Mavitidi trabalhou nas fábricas têxteis de Leopoldville, como muitos imigrantes angolanos daquela época ao Congo Belga seria apenas mais uma narrativa, mas intervém a tonalidade moral do seu comportamento – tendo-se comportado bem no início, como ele diz, e tendo depois passado a beber e a envolver-se com mulheres. A própria ida para Ponta Negra, à instigação do primo que tinha uma reputação duvidosa a nível das suas aldeias de origem, pode ser um outro destaque no fim da referida estadia em Leopoldville.